

Ensino faliu na França

Luiz Recena

Correspondente

Educação CORREIO BRAZILIENSE

12 MAI 1996
Paris — Os primeiros sinais de surpresa, raiva e alerta saíram no meio da semana no vespertino parisiense *Le Monde*: na França, terra da educação, país da cultura, de cada quatro alunos que terminam o 1º grau, um não sabe ler corretamente nem aplicar direito os conceitos básicos de matemática.

O mesmo *Monde* dois meses antes reclamava que “o enciclopédismo do ensino francês” não era mas eficiente e deveria ser mudado radicalmente. O presidente Jacques Chirac nomeou comissão para essa reforma.

A comissão começou a trabalhar e definiu suas primeiras grandes linhas: acabar o enciclopédismo, reconhecer a desigualdade intelectual dos alunos, aproximar escolas, institutos e universidades ao mundo empresarial e dar autonomia aos centros de ensino. “Resultados, equidade, modernização”, recomendou o grupo.

Essas recomendações são apenas o começo do trabalho da comissão presidencial, que definiu

uma espécie de “kit sobrevivência” que todos os franceses devem ter até os 16 anos. São seis “conhecimentos primordiais”: domínio do idioma, da escrita manual e sobre teclado, as quatro operações aritméticas, a regra de três, princípios básicos de geometria.

Enquanto a comissão planeja o futuro, outros técnicos estudam o presente. E aí a coisa se complica. O relatório do ministério da educação, divulgado no segundo dia do mês, bateu duro: 26% dos estudantes estão terminando o primeiro grau sem saber ler direito nem executar operações básicas de cálculo.

A crise vai até o ensino superior, que no último inverno enfrentou greves de todo tipo.

Alunos, professores e governo estão redigindo suas primeiras propostas de reorganização. Eles esperam terminar o ano com um plano de emergência aprovado. Mas o primeiro-ministro Alain Juppé avisou esta semana que quer enxugar cerca de doze bilhões de dólares do orçamento do ano que vem. Vai cortar pesado em todas as áreas. Educação inclusive.